



O resgate da memória no gênero perfil: histórias de homossexuais idosos no Jornalismo Literário¹

Marlon Santa Maria DIAS²

Paulo Roberto de Oliveira ARAUJO³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este trabalho aborda algumas questões teóricas que ajudam a pensar a contribuição do Jornalismo Literário no resgate da memória de um grupo minoritário – neste caso, os homossexuais da terceira idade. O presente artigo tem seu foco nas possibilidades da utilização da memória dos entrevistados no gênero perfil e na contribuição de uma apuração e elaboração textual dentro dos moldes do Jornalismo Literário para a humanização do relato jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; perfil; memória; homossexualidade; envelhecimento.

INTRODUÇÃO

Quem merece um perfil? Sergio Vilas Boas (2008) se questiona sobre a escolha das *personas* que merecem ser retratadas nos perfis e passa a estabelecer relação entre algumas dicotomias que se deve levar em conta antes de responder a pergunta inicial deste parágrafo.

Primeiro, apresenta a ideia de *conhecido e desconhecido*. Como escolher um entrevistado a partir dessa diferença, sendo que há questões por trás disso: é conhecido de quem? Ou desconhecido para quem? A essa ideia atrela-se o pensamento de que uma pessoa precisa ser incomum para fazer jus ao relato escrito de sua vida. Ora, mas o comum e o incomum não são inerentes a todas as pessoas? Ou ainda, como utilizar a complexidade do ser para diferenciar os perfilados? Há alguém que seja totalmente não-complexo?

Após esses questionamentos, percebemos que todas as pessoas podem render um perfil. Basta que o escritor tenha a sensibilidade de enxergar as atraentes nuances da

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Recém-graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: marlon.smdias@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: praraujo@terra.com.br.



complexidade do indivíduo. Todavia, poucos são os perfis de gente anônima que se vê circular pelos meios. Priorizam-se as celebridades, pela atração que sua imagem tem. Sem dúvidas, é necessário que se escreva sobre as celebridades, porque também nos interessa seu modo de vida, sua experiência vivida, sua percepção de mundo. Mas e as pessoas que não figuram nos tabloides, que não têm sua vida estampada nas revistas semanais nem sua rotina televisionada?

Não sem motivos, o perfil é o gênero mais atraente no Jornalismo Literário. É através deste retrato construído por palavras que conhecemos o *outro*. Ao olharmos para a história de vida de outra pessoa, nos identificamos, partilhamos dos seus anseios ou rejeitamos suas concepções. Não importa se a percepção do personagem é positiva ou negativa, mas sim a existência de uma percepção que parte do leitor, sensibilizado pela escrita humanizada.

Infelizmente, a imprensa atual não dá mais tanta importância para os escritos que demandam um tempo longo para uma apuração em profundidade, tampouco concedem espaço para textos extensos. As revistas e jornais *estapeiam-se* para noticiar informações fragmentadas e reproduzem os mesmos formatos. No fim, tem-se tudo igual, e “o resultado disso é a ênfase nas pílulas de informação em detrimento dos ‘textos para guardar’” (VILAS BOAS, 2003, p. 11).

Assim, os textos do jornalismo convencional apresentam vidas rasas, se comparadas à sua magnitude, impressas em pirâmides invertidas. A intenção do texto no estilo Jornalismo Literário é humanizar o relato sobre o outro – e sua vida – na tentativa de compreender a maneira como ele construiu sua história e o lugar que ocupa nela.

O que se pretende mostrar nesse artigo são algumas questões teóricas, bem demarcadas, sobre a contribuição do Jornalismo Literário para a humanização do relato de pessoas que vivem à margem da sociedade. Mas são muitos os que vivem marginalizados, por isso, foi necessário delimitar. Assim, discute-se aqui a importância dos relatos que trazem à tona a vida de um homossexual idoso, tendo em vista que esses homens tiveram uma vida silenciada.

O texto jornalístico é construído através das lembranças que são relatadas pelos entrevistados. Logo, é preciso recorrer aos dispositivos de memória dos mesmos. Para tanto, também trazemos algumas questões que elucidam o trabalho da memória, principalmente para a pessoa idosa. Por fim, ocupamo-nos das problemáticas que relacionam a homossexualidade às normativas patriarcais da ordem vigente, pensando sobre a homossexualidade na velhice e suas implicações.



QUANDO O JORNALISMO ENCONTRA A LITERATURA

Jornalismo e literatura são campos distintos, mas trabalham com a mesma matéria-prima: a palavra. Felizmente, o hibridismo das profissões possibilitou um intercâmbio positivo entre escritores e jornalistas. E não foram poucos os autores – de Machado de Assis, Graciliano Ramos e Clarice Lispector a Daniel Defoe, Victor Hugo e Honoré de Balzac – que desempenharam um profícuo trabalho na imprensa. O que se percebe é que a prática jornalística serviu como um dos baluartes para que muitas das histórias de ficção que hoje conhecemos nascessem.

Ao percorrer a história do jornalismo, notamos a presença, ora mais sutil, ora mais intensa, de recursos literários em seus textos. No entanto, com o tempo diminuto e o espaço cada vez mais espremido nos periódicos, os textos que utilizam técnicas da narrativa de ficção no jornalismo tornaram-se mais escassos. O jornalismo começou a primar por uma objetividade que diverge do trabalho exaustivo que demanda a construção de um texto literário.

Albert Chillón (1999) vê na admissão da ficção como um requisito indispensável para se considerar um texto como sendo literário um dos principais fatores para o distanciamento que se criou entre os relatos de cunho jornalístico (depoimentos, biografias, reportagem, etc.) e a literatura. Excluiu-se do campo literário tudo o que não era fruto do imaginário, renegando a influência da realidade nesses textos. No entendimento do autor, “o confinamento da literatura ao âmbito exclusivo da ficção é insustentável”⁴. (CHILLÓN, 1999, p. 66, tradução nossa).

Ao considerar a literatura o espaço da pura invenção, exclui-se qualquer relação com o jornalismo, pois este trabalharia apenas com a apresentação objetiva dos fatos. Ou seja, ou se fazia literatura (ficcional) ou se fazia jornalismo (factual). Essa visão é reforçada pela mitificação que se criou em torno do trabalho do jornalista, com a propagação de algumas crenças como

a de que é possível ter acesso aos contornos exatos do real efêmero da vida e transmiti-lo com autenticidade; a de que se pode captar esse real fugidioso cotidiano, preservando-o de modo inequívoco; a de que o jornalista é o transmissor legítimo da realidade dos acontecimentos. E mais; a crença em ferramentas ou procedimentos capazes de registrar esse real e remetê-lo sem enganos (BULHÕES, 2007, p. 21).

⁴ Do original: *el confinamento de la literatura al ámbito exclusivo de la ficción es insostenible*.



Esse modelo de jornalismo, apoiado na “doutrina sacrossanta da objetividade”⁵ (CHILLÓN, 1999, p. 47, tradução nossa), teve início na imprensa norte-americana e passou a ser difundido a partir da década de 1950⁶. Atualmente, a maioria dos veículos de comunicação do ocidente emprega o modelo da pirâmide invertida, na qual é indispensável a utilização do *lead*, “uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor”⁷ (PENA, 2006, p. 53).

Os escritos em Jornalismo Literário surgem como uma fuga ao padrão enrijecido das matérias objetivas do jornalismo, uma alternativa ao ciclo vicioso que perdura nas redações. Mas o Jornalismo Literário não ignora o jornalismo convencional. Pelo contrário, busca a história que pode estar por trás dos acontecimentos que, por vezes, merecem apenas uma nota no jornal. Isso vai ao encontro da visão de Pena sobre o significado do trabalho em Jornalismo Literário:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

Em um artigo publicado no livro *Literary Journalism – A New Collection Of The Best American Non-Fiction*, Mark Kramer (1995) lista oito práticas comuns de jornalistas literários. Essas “regras” reforçam os métodos de apuração e escrita do repórter. O trabalho inicia na escolha da pauta, cujo tema gira em torno, muitas vezes, de eventos rotineiros. O jornalista imerge no universo de sua matéria, para que compreenda as nuances da realidade disposta à sua frente. Não apenas a realidade, mas também seus entrevistados. O repórter despe-se de todos os seus preconceitos e busca um relato humanizado dos atores envolvidos nos acontecimentos, dando voz aos esquecidos e tentando ao máximo se eximir de julgamentos prévios e equivocados.

Quando transpõe o resultado de sua observação para o papel, utiliza uma linguagem clara e econômica, que seja simples e elegante, para que o leitor não apenas

⁵ Do original: *sacrosanta doctrina de la objetividad*

⁶ Credita-se a Pompeu de Souza, então chefe de redação do *Diário Carioca*, a introdução do *lead* no jornalismo brasileiro.

⁷ As perguntas básicas a que Felipe Pena se refere são “O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como? e Por quê?”.



imagine as cenas descritas, mas também as sinta. Há uma semelhança com o trabalho do romancista, pois é preciso articular as palavras de maneira que o texto resultante possa ser lido como um romance ou como um conto. Para isso, o jornalista lança mão de alguns recursos da narrativa ficcional.

Tom Wolfe, um dos expoentes do *New Journalism* – tendência surgida no jornalismo norte-americano nos anos 1960 que “agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística” (BULHÕES, 2007, p. 145) –, listou quatro recursos dessa narrativa ficcional que auxiliariam na elaboração do texto jornalístico, deixando-o mais atrativo ao leitor.

O primeiro recurso é a *construção do texto cena a cena*, que permite ao leitor imaginar cada uma das cenas descritas no texto como se estivesse assistindo a um filme, sem recorrer à simples narrativa histórica. A utilização de *diálogos* realistas é o segundo recurso, que teria a capacidade de envolver o leitor mais do que qualquer outro, pois o diálogo determina a essência do personagem de imediato. O terceiro recurso é a apresentação do *ponto de vista da terceira pessoa*, dando ao leitor a impressão de estar dentro do personagem, com suas sensações e percepções sobre determinado fato. Por último, a *descrição*, denominado pelo autor como *status de vida* da pessoa, que expõe seus gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilo de mobília, comportamentos com outras pessoas e detalhes simbólicos do dia a dia.

PERFIL: UM RETRATO ATRAVÉS DE PALAVRAS

Sergio Vilas Boas afirma que o perfil é o gênero nobre do Jornalismo Literário (VILAS BOAS, 2008, p. 38). O perfil jornalístico é um texto biográfico curto que narra episódios da vida de um indivíduo, na busca pela humanização do personagem de sua narrativa, apresentando-o como ele é, sem máscaras, julgamentos prévios ou caricaturas.

Há bons exemplos dessa prática, que começou a ser valorizada a partir dos anos 1950, com a publicação de perfis em revistas como *Esquire*, *The New Yorker*, *Life*, *People*, *O Cruzeiro* e *Realidade*. Alguns perfilados tornaram-se personagens célebres, como o mendigo Joe Gould do jornalista Joseph Mitchell, e outros já célebres tiveram seu perfil eternizado na história do Jornalismo Literário, como o Ernest Hemingway de Lilian Ross e o Frank Sinatra (resfriado) de Gay Talese.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) acreditam que o perfil jornalístico é aquele que dá enfoque na pessoa e traz ao leitor a história de sua própria vida. Para os autores, há dois tipos de abordagem: uma na qual o repórter permite que o perfilado se



pronuncie, e outra na qual o repórter convive durante determinado tempo com o perfilado, contando depois a experiência ao leitor, sem, é claro, tirar o protagonismo de sua fonte.

É importante perceber que a escolha do perfilado não se dá de forma aleatória. Existe a máxima de que *todos têm uma história para contar*, e é trabalho do jornalista buscar essas histórias, compreendê-las e transmiti-las da forma mais sincera possível ao seu leitor. Aqui não importam os números e os dados, mas sim o que o entrevistado tem a dizer, as experiências vivenciadas que o localizam em seu contexto sociocultural, retirando-o de estatísticas e colocando-o como protagonista de sua própria história.

O perfil cumpre uma função muito importante dentro do jornalismo, a qual Vilas Boas (2003) chama de “empatia”.

Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar as situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê) (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Mas não são todos os entrevistados que recebem os repórteres de braços abertos, querendo que sua vida seja exposta nos jornais. O personagem, por vezes, estabelece algumas prerrogativas para que sua história seja contada. É o repórter quem deve entender o ser humano que está a sua frente e tentar fazer uma leitura da leitura de mundo que aquela pessoa lhe apresenta.

É preciso tentar compreender o perfilado, “não basta embaralhar fatos biográficos ou aspear frases do personagem” (VILAS BOAS, 2003, p. 14). Importante lembrar que o que leva os jornalistas a procurarem essas pessoas é a vontade de contar a história de alguém que talvez nunca tivesse sua voz ouvida pela mídia, ou mostrar algo daquela celebridade que os jornalistas diários, com seus olhares viciados e suas perguntas costumeiras, não enxergam. Ou seja, busca-se sempre a humanização daquele personagem exposto.

Sobre a postura que o jornalista deve assumir durante a apuração, Paul Thompson (1998) alerta para o fato de que a entrevista é um diálogo. É necessário fazer as perguntas da forma mais simples possível. Quanto mais o entrevistado falar, melhor. É preciso demonstrar simpatia, deixando as perguntas mais embaraçosas para o final.



Quando o entrevistador conhece a história na qual o entrevistado está inserido, fica mais fácil localizá-lo dentro do contexto e identificar possíveis falhas. Eis a importância da imersão na vida da pessoa. Mais do que isso, o jornalista precisa apurar o olhar e aperfeiçoar a escuta. Essa entrevista ocorre, comumente, através da técnica da Entrevista de História Oral. É um importante método, pois “a evidência oral, transformando os “objetos” em estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*” (THOMPSON, 1998, p. 137).

Corroborando com a opinião de Thompson a pesquisadora Cremilda Medina (2008), que vê a entrevista como um *diálogo possível*. Ao categorizar os tipos de entrevista existentes, pondo-as em dois grupos, as de compreensão e as de espetacularização, Medina insere àquela a entrevista do tipo *perfil humanizado*.

Este tipo de entrevista vem ao encontro do que é feito nas apurações realizadas pelos jornalistas literários. A entrevista de perfil humanizado “mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2008, p. 18). Um ponto importante ao se pensar o perfil, é o caráter humanizado desses textos. A fuga dos estereótipos auxilia na busca pelas vivências dos personagens reais. “Ao eliminarmos os apelos fáceis e óbvios, o que vem à tona é o evento da entrevista, a vida do personagem, sua trajetória, seus altos e baixos, suas realizações” (VILAS BOAS, 2003, p. 11).

Ademais, Vilas Boas alerta para o fato de que os entrevistados

com frequência alteram seus pensamentos e suas palavras conforme a idade e a conveniência; lembram e mentem conforme a necessidade e a época; consciente ou inconscientemente, reproduzem o que apenas ouviram como se tivessem testemunhado; tentam agradar ou desagradar dizendo o que acham que o biógrafo quer ouvir (VILAS BOAS, 2002, p. 61).

Esse alerta de Vilas Boas nos faz pensar na utilização da memória como fonte de informação em uma entrevista que tem como foco a história de vida de uma pessoa. Até que ponto se pode confiar na memória de um idoso? Pensamos que a pergunta, todavia, não seja essa, mas sim “de que maneira podem os jornalistas lidar com a memória do entrevistado, sabendo das questões de falseamento ou omissão que são inerentes à memória?”.



MEMÓRIAS DE VELHOS: OS NARRADORES DA HISTÓRIA

Desde as civilizações antigas, as pessoas mais velhas eram vistas como aquelas que detinham a sabedoria. Por terem vivido mais anos, conheciam as plantas que remediavam as dores, os ciclos da lua e da colheita, os comportamentos socialmente aceitáveis, as decisões mais sensatas para os momentos de guerra. Enfim, era aos velhos que os mais jovens se dirigiam quando queriam aprender sobre “a vida”. As tradições foram passando de pai para filho, de geração para geração.

Progressivamente, os velhos ficaram incumbidos do trabalho de lembrar, porque seria através de suas lembranças que as tradições e valores de seu povo perpetuariam. A prática da vida do velho seria, então, a rememoração.

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994, p. 63).

Assim, o idoso passa a ser o depositório de um tesouro-comum: o passado, as lembranças de seu grupo. Há um interesse naquilo que foi lembrado, pois, dessa forma, assegura a perpetuação de sua história. Sua função é de não apenas contar, mas *fazer existir* a memória.

A sociedade industrial, no entanto, é bastante cruel com o idoso. Para ela, é útil quem produz, e o velho já não produz para o mercado. Torna-se então um *inativo*, que segundo o *Dicionário Aurélio* é um sinônimo para inerte, ou seja, aquele que não age mais. Assim, o velho é jogado de lado e até sua função de lembrar é menosprezada. Há de se reconhecer, porém, o valor inestimável desta função.

Mais do que um devaneio fútil ou uma tentativa de preencher o tempo ocioso, recordar é dar corda de novo às engrenagens da história, em uma dimensão na qual tempo e espaço se inscrevem conjuntamente. Apropriar-se da memória e transmitir esse legado cultural é reconstruir o passado, dar a ele a possibilidade de ser atualizado e narrado de uma forma diferente daquela contada nos livros. Mais ainda: é ter de volta o sentimento de pertença a uma história ou mesmo à própria sociedade, sentimento esse que muitas vezes é arrancado daqueles que viveram e construíram a sociedade, cada qual à sua maneira (CORREA, 2009, p. 110).



Ao recorrer aos velhos para que estes contem suas histórias, é preciso estar atento, todavia, para o fato de que esquecimentos fazem parte da construção das narrativas. Além disso, fatores ideológicos também interferem na memória. O entrevistado, inquirido a contar sua história de vida através daquilo que lhe vier à memória, irá alterar alguns de seus pensamentos na hora de verbalizar, seja pela conveniência da fala, seja pela idade. Por vezes, contam aquilo que imaginam ser do interesse do entrevistador, preterindo lembranças que realmente lhe vem à mente. Como reflete Stern,

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material, indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN *apud* BOSI, 1994, p. 68).

Assim, mesmo que as técnicas de entrevista utilizadas sejam eficientes, jamais se terá a totalidade de uma história. Felipe Pena segue esse pensamento ao ponderar sobre as práticas dos jornalistas literários em relação ao resgate da memória feito pelos entrevistados, chegando a conclusão de que “O passado não está pronto. Ele ainda está por fazer, e articula-se no presente, ou melhor, na presença (ou simultaneidade), onde elaboramos a memória e a transformamos em discurso” (PENA, 2006, p. 76).

Quando o jornalista utiliza a memória como um recurso, é possível alcançar uma riqueza que descobre os acontecimentos psicológicos e sociais dos personagens envolvidos. Assim, através da reconstrução feita pelo narrador, “é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação examinada” (LIMA, 2004, p. 127). Para ultrapassar esse limite apontado por Lima, que se dá na construção do texto, é preciso compreender em que realidades estão inseridos os entrevistados. O jornalista precisa habituar-se ao espaço do entrevistado e criar vínculos que lhe deem chance de reconstruir a história de vida do outro.

Aqui surge a necessidade de se questionar sobre a memória dos que são excluídos. As histórias que nos são contadas nascem do relato daqueles que as viveram. Mas e as histórias daqueles que permaneceram sob o véu da invisibilidade durante uma vida, quem irá contar? Que histórias são essas, que não se ouvem nas rodas de conversa, que a mídia não se ocupa em mostrar, que a sociedade prefere não saber?



Este artigo trabalha com a memória dos homossexuais idosos, indivíduos que, de maneira distinta, trilharam roteiros biográficos que fogem ao que é posto como regra em nossa sociedade.

A VELHICE HOMOSSEXUAL

Por terem vivido sua juventude e vida adulta durante um período de rara tolerância, os homossexuais [hoje] idosos *sujeitaram-se* à invisibilidade. Suas demonstrações afetivo-sexuais, consideradas pecaminosas e imorais, deveriam ser mantidas em sigilo, caso contrário, corriam o risco de serem excluídos dos círculos de amizade e sofreriam o escárnio da sociedade. Sendo assim, “trancar-se nos limites do “armário” fora, por algumas décadas, a única possibilidade reservada aos homossexuais” (PASSAMANI, 2011, p. 151).

Aqui encontramos uma das diferenças mais significativa na comparação entre a vivência da homossexualidade na juventude dos velhos gays e na vivência da homossexualidade dos atuais jovens gays:

De certa forma, essas gerações mais jovens estariam vivenciando no contemporâneo um campo de possibilidades mais amplo na vivência de afetos e sexualidades homoeróticos e aproveitando esse maior (embora muitas vezes bastante frágil) espaço de tolerância a expressividades de afetos discordantes de referenciais heteronormativos. (HENNING, 2010, p. 12)

Os homossexuais que tiveram sua juventude/vida adulta entre os anos 1950 e 1980 acompanharam as significativas mudanças sociais pelas quais a sociedade brasileira passou. Mudanças que possibilitaram uma maior visibilidade à causa gay e às histórias de vida desses indivíduos, dando forma ao que se convencionou chamar de cultura gay. Todavia, esse âmbito passou a ser marcado por uma *homonormatividade*, que estabeleceu regras ao modo de vida homossexual, tendo como *normal* a figura do homossexual jovem, dono de um corpo que se enquadra em padrões de beleza naturalizados pela sociedade. Essa homonorma auxilia não só na produção, mas também na manutenção das regulações em torno dos binarismos de gênero e na associação da velhice com a “abjeção” (POCAHY, 2011).

Paiva (2009) reflete sobre o fato de a velhice homossexual ser um campo fértil para a abjeção, sendo que esta “refere-se a uma posição de degradação, de aviltamento, de desvalorização do sujeito diante do laço social” (PAIVA, 2009, p. 197). O autor



relaciona essa abjeção ao fato das trajetórias de vida desses indivíduos fugirem do roteiro proposto pela sociedade heteronormativa. Mais do que isso, eles se encontram à margem da figura que nos é exposta dos homossexuais: sempre jovens e esbeltos.

Assim, os homossexuais idosos vivem marcados não apenas pelo silêncio, mas também pelo duplo estigma de serem velhos e terem uma “sexualidade em desvio” (MOTA, 2009, p. 27). Por não se enquadrarem “ao ideal médico-normativo midiático da velhice risonha/dançante e saudável que vemos circular hoje” (PAIVA, 2009, p. 197), os homossexuais idosos ficam reclusos em si mesmos, encontrando seus pares sempre em espaços relacionados à invisibilidade. É o caso das saunas ou dos bares periféricos.

É mais comum encontrar esses locais de sociabilidade gay em grandes centros urbanos, metrópoles, onde há um espaço maior para a visibilidade da diversidade. Entretanto, quando os homossexuais residem em cidades do interior, onde a máxima do “todos se conhecem” ainda é válida, a sexualidade tende a se reprimir mais ainda.

Os asilos, outro espaço comum aos idosos, não é receptivo à chegada de homossexuais. Muitas vezes, os próprios funcionários do local resistem em atendê-lo, também por homofobia. Não raro, esses homossexuais idosos têm de ser realocados para outras alas, para que não *incomodem* os demais. Isso faz com que muitos dos homossexuais que vivem nestes locais *optem* por não contar aos colegas sobre sua sexualidade, permanecendo “dentro do armário” no qual passaram a vida inteira, o que significa uma ameaça à adaptação, levando-os à depressão e, algumas vezes, à morte.

Graças a uma evolução no pensamento sobre a velhice, surgem novas maneiras de encarar a “terceira idade”. Há um crescente número de espaços onde os velhos conseguem sociabilizar e vivenciar momentos de recreação. Um exemplo disso são os bailes para a terceira idade, disseminados em várias regiões do país. Entretanto, esses espaços ainda são ocupados majoritariamente por idosos heterossexuais.

Como afirma Mota, “nesta nova representação do idoso na vida social contemporânea tem-se uma conotação universalizante e generalizadora, determinada pela idade ou pela identidade social de aposentado circunscrito à moral heterossexual.” (MOTA, 2009, p. 28). Ou seja, mesmo que o homossexual frequente espaços reservados à terceira idade, ele terá novamente que manter em sigilo sua condição sexual.

Pela complexidade do assunto, notamos o quão insipientes ainda estão as pesquisas sobre homossexualidade e envelhecimento nas práticas cotidianas (MOTA, 2009). Na percepção de Julio Simões, as discussões sobre essas temáticas



remetem à confluência e ao confronto entre o corpo e a cultura. Pensar sobre ambos leva-nos invariavelmente a considerar as tensões entre a faticidade material do corpo e sua construção social. Quando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana à maneira ocidental dominante – isto é, como o movimento do ser corpóreo através do tempo concebido como progressão cronológica rumo à finitude –, envelhecimento e sexualidade tornam-se temas que se excluem mutuamente (SIMÕES, 2004, p. 416-417).

Simões (2004) alerta para a questão da corporeidade do homossexual idoso. O corpo não é apenas o propulsor dos desejos sexuais, mas também demarca nosso ser e estar no mundo – uma internalização do exterior. Quando a velhice chega, as marcas do tempo estão desenhadas na pele e expõem a fragilidade a que estamos sujeitos na última etapa da vida. Ao olhar-se no espelho, o idoso enxerga alguém que não identifica como sendo o mesmo da juventude. Há quem não suporte essa imagem.

Esse é um fato que potencializa sua exclusão dos espaços sociais, repelindo a atenção dos homossexuais mais jovens, que os nomeiam com apelidos depreciativos, tais como “bicha velha” ou “coroa assanhado” (MOTA, 2004, p. 28). É como se, ao rumar para o envelhecimento, o homossexual idoso perdesse o erotismo e a atratividade, em decorrência da degeneração de sua aparência física. “Aos mais velhos, só restaria pagar para desfrutar de companhia fugaz e arriscada” (SIMÕES, 2004, p. 418).

É necessário frisar que nem todos os homossexuais, hoje idosos, vivenciaram sua sexualidade de modo sigiloso. Obviamente existiam os assumidos, alguns deles que viveram durante longos anos com um companheiro. Todavia, essa parcela parece ser, muito provavelmente, mínima se comparada ao contingente de homossexuais que precisava disfarçar sua sexualidade, muitas vezes até casando com mulheres e constituindo uma família.

Após essa reflexão sobre a homossexualidade na velhice, reforça-se o questionamento já apresentado: do que se constituirá a memória de um sujeito que teve sua vida reprimida e viveu sua juventude e vida adulta tendo que mascarar seus desejos? Quem irá reportar a história desses homens que ocuparam o lugar da invisibilidade, da marginalidade e do esquecimento social durante uma vida inteira?

Esses indivíduos carregam duplamente o peso da oposição ao projeto social da heteronormatividade, representando sua ruína e, por isso, recebem o rechaço da sociedade. Talvez seja mesmo no silêncio e no anonimato que esses sujeitos



encontraram, até agora, um abrigo seguro, onde pudessem proteger a si e as suas – nem sempre felizes – lembranças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado pela imprensa, até então, foi insuficiente no que tange ao registro da vida dos homossexuais idosos. Quantas vezes nos perguntamos de que maneira viveram e ainda vivem esses velhos? Não nos interessam as caricaturas e deboches, mas sim a essência do ser. As narrativas no estilo Jornalismo Literário trabalham na tentativa de preencher lacunas como esta.

Os leitores clamam por histórias que não estão contidas em pirâmides invertidas, espremidas pela lucrativa publicidade. Há uma vontade contida de lançar o olhar ao outro, conhecer sua vida e sua visão de mundo. Porque olhar para o retrato do outro nos faz procurar o que de semelhante há entre nós, e o que nos diferencia dele. Quem é você? – nos perguntamos inquietamente.

Um retrato mais humanizado aproxima o leitor do personagem que está disposto a sua frente. Uma infinidade de perguntas surge ao lermos os *leads* de histórias que merecem um estreito número de caracteres. Este trabalho buscou refletir teoricamente sobre a humanização desses personagens marginalizados – os homossexuais idosos.

Ao se deparar com uma pauta que exige tanta sensibilidade, consideramos que o jornalista deve realizar um trabalho que se proponha não apenas a desvendar alguns dos conflitos dos personagens em questão, mas também, e principalmente, dar voz àqueles que por bastante tempo tiveram suas histórias silenciadas.

O resgate da memória, neste caso, pode ser um caminho tortuoso, na medida em que o entrevistado terá de vasculhar suas lembranças escondidas. É preciso levar em conta que há recordações íntimas, ou silenciadas, o bastante para não se relatar. O silêncio é o mesmo, quando protege e oprime. Em diferentes proporções, os entrevistados podem ter se acostumado a viver uma homossexualidade silenciosa. E calaram-se, mais de uma vez.

Através da oralidade, coletam-se essas histórias e apreendem-se os detalhes que passam despercebidos das pesquisas quantitativas. Mais do que isso, o jornalista *desafia* seus entrevistados a contarem aquilo que viveram e eles, instintivamente, contam da maneira como gostariam que fossem lembradas suas vivências. A memória torna-se, então, o espelho no qual podemos conhecer suas histórias, sua vida e sua percepção de mundo. É como se o outro estivesse ali de fato, mesmo estando em outro lugar.



Se não há dúvidas de que o Jornalismo Literário possibilita que as histórias desses indivíduos cheguem aos leitores de modo mais humanizado, também há de se considerar o perfil como o gênero que melhor *recebe* essas histórias, pois o protagonismo é todo do entrevistado.

A utilização dos recursos da literatura de ficção propostos por Wolfe (2005), já expostos aqui, auxiliam não apenas no aprofundamento do relato, mas também na aproximação do leitor, fazendo-o compreender o que fez os personagens traçarem seus roteiros biográficos da maneira como é descrito.

Ressaltamos que, enquanto trabalha com a memória, o repórter tem acesso a um segundo, ou, quem sabe, a um terceiro relato. Ela é uma repetição, uma história que foi vivida, lembrada e é contada. São muitos reflexos que incidem sobre essa representação. Alguns facilmente perceptíveis, outros, entretanto, herméticos, arranjados no sem fim de possibilidades que cabe em uma vida – que será contada. O importante, de tudo isso, é que essa vida seja contada e que os muitos grupos ainda sob o estigma do *minoritário* tenham o direito à voz. E nisso, o jornalismo pode ajudar.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo, SP: Ática, 2007.

CHILLÓN, Albert. **Literatura y periodismo**. Barcelona: Aldeia Global, 1999.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

HENNING, Carlos Eduardo. Olhares para o conceito de Geração: uma etnografia das homossexualidades na adolescência e na velhice na cena GLS da cidade de São Paulo. In: II SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 2010, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, UFPR, 2010. Disponível em: <http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/anais/GT12/Carlos%20Eduardo%20Henning.pdf>. Acesso em: jan. 2013.

KRAMER, Mark. Breakable Rules for Literary Journalists. In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. **Literary Journalism**: a new collection of the best american nonfiction. Nova York: Ballantine Books, 1995, p. 21-34.



LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo, SP: Ática, 2008.

MOTA, Murilo Peixoto. Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. **SINAIS**. UFES, Vitória, n.06, v.1, p. 26-51, dez, 2009.

PAIVA, Cristian. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Revista Bagoas**, Natal, n.04, p. 191-208, 2009.

PASSAMANI, Guilherme R. **Na Batida da Concha**: Sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens**. Dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. Tese. Doutorado em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, 2011.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Org.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria. Helena. **Técnica de reportagem**. Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, SP: Summus, 2003.

_____. A arte do perfil. **Revista Biblioteca Entrelivros**. São Paulo, n. 11, ago. 2008.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.